

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(FEVEREIRO 2, 1839)

92)



COLUMNADA DO TEMPLO GRANDE EM LUXOR.

AS RUINAS DE THEBAS.

A PRIMITIVA historia do Egypto perde-se na obscuridade de tempos remotissimos. Diz-se que Menes fôra o seu primeiro rei; porém a data do seu reinado é incerta: Mr. Wilkinson que teve a paciencia de comparar as listas dos monarchas egypcios, que nos deixou Manethon, com as esculpidas em hieroglyphicos nos monumentos de Thebas, e n'outros, fixou aquella epocha em 2201 annos antes da era christã, isto é ha mais de quatro mil annos. Desde então até a conquista do Egypto pelos persas, no espaço de dezeseite seculos, nada mais sabemos da sua historia do que alguns factos ligados com a do povo hebraico, que a Biblia nos conservou, e cuja chronologia é objecto de controversia. É notavel que de tamanho lapso de tempo se ignorem os acontecimentos, e os destinos das nações, que habitaram um paiz tão populoso e civilizado, como o testemunham não só os livros sagrados, mas até esses estupendos edificios, cujas ruinas collossaes jazem pelos areas do deserto, para assombro e confusão da posteridade. A escriptura daquelles povos era symbolica; a chave, que lhe abria o sentido, sumiu-a o tempo; aquella linguagem ficou muda para a historia, e dos esforços dos sabios dos nossos tempos para a comprehendem só resultam hypotheses vagas mais ou menos plausiveis.

Ao dominio dos persas succedeu, pouco mais de tres seculos antes de Christo, o de Alexandre Magno, e dos seus successores, os celebres Ptolomeus, que, por seu turno, tiveram de largar o campo ao crescente poderio e ambição dos romanos, que do antigo e orgulhoso reino dos Pharaós fizeram, trinta annos antes da era christã, uma provincia sujeita e tributaria.

Não é nosso intento, nem cabia em breve espaço, proseguir, ainda que resumidamente, a historia averiguada do Egypto; muito mais obrigando-nos a nosssa estampa a tractar da famosa Thebas; e se desta mesma quizessemos dar miuda noticia teriamos de escrever um volume. Remettemos porém os curiosos de antiguidades para a magnifica obra sobre a expedição franceza ao Egypto, para a viagem de Belzoni, e a mui recente do capitão Head. Aqui porêmos quanto baste para que se faça idéa da magnificencia d'uma cidade antiquissima, e do destroço que experimentou.

Thebas estava assentada nas margens do Nilo, no alto Egypto: parece que no principio da era christã ainda tinha de extensão quatro a cinco leguas, que já era pouca, comparada com seu antigo recinto, antes de ser destruida por Cambyzes, o persa. É comtudo provavel que nas descrições dos antigos haja neste ponto alguma exaggeração. Os poetas, seguindo o seu patriarcha Homero, attribuiram-lhe cem portas; porém esta particularidade já em tempo de Diodoro Siculo era contestada; e se Thebas tivesse muralhas, ainda entre tantas ruinas alguns vestigios dellas appareceriam; além de que, segundo a observação de Pococke, as cidades fechadas não eram communs no Egypto. Póde ser que dos numerosos porticos dos edificios, e dos soberbos propyleus dos templos, derivasse esta tradição fundada meramente na licença poetica de Homero. Comtudo, do epitaphio de Ramesses ou Sesostris, cujo monumento sepulchral se vê em uma das estampas da já citada obra sobre o Egypto, deprehende-se que Thebas dava alojamento a setecentos mil soldados, e daqui póde inferir-se quão populosa e grande era esta cidade.

Thebas foi saqueada a primeira vez pelos assyrios

e babilonios; a segunda pelos persas; e a terceira pelos romanos, os espoliadores dos bens das nações, segundo a expressão de um tragico celebre. Tendo-se rebellado contra um dos Ptolomeus, cognominado Latyro, que senhoreava o Egypto, experimentou um quarto e rigoroso assedio de tres annos; depois do que, entrada de assalto, no anno 81 antes de J. C., foi tal o estrago que soffreu dos vencedores, sobre os damnos e perdas da guerra, que desceu inteiramente da cathogoria da mais vasta e opulenta cidade egypcia, sem nunca mais poder restaurar-se de tamanha assolação. As ruinas, porém, que escaparam á furia dos exterminadores, e depois desta, á voracidade dos tempos, ainda occupam tanta extensão que o viajante absorto se convence de não ter sido mui exaggerada a grandeza desta cidade. Jazem os seus monumentos por duas fiadas de montanhas contiguas, e os seus tumulos singulares tomam os valles de Oeste bem pelo deserto dentro. O templo vasto que fôra erguido da parte de Leste dista mais de duas leguas de Medinet-Abu, onde se acha o templo mais occidental.

Espalhadas pelo assento da magestosa Thebas existem hoje [e já em tempo de Estrabão era quasi o mesmo] algumas aldeolas mesquinhas, ou, para melhor dizer, punhados de cabanas e barracas d'arabes tão miseraveis, como os descrevemos em o nosso n.º 86 pag. 401 do 2.º vol., e que buscam para abrigos os locaes das mais vastas ruinas. Assim a aldêa de Karnac está assentada n'um pedaço do sitio de um templo immenso: desta se vae para a de Luxor por um trilho de quasi meia legua de comprimento, guardado por um e outro lado de espinges e outras figuras brutescas, ou extravagantes, misturadas com lanços de muralhas caídas, com estatuas, e columnellos. Luxor, ou Luqsor, está da mesma maneira situada no chão de outro templo, ou palacio arruinado, menos extenso em verdade que o de Karnac, porém muito mais bem conservado, e sem que as moles immensas da sua construcção gigante tenham abatido pelos impulsos do tempo combinados com o proprio peso.

As ruinas de Luxor exhibem o esqueleto de um edificio immenso, erguido sobre uma altura artificial de dez pés de elevação, e cercada por um paredão, formando um oblongo, com fraco declive, de mais de 800 pés de comprimento, e de quasi 208 de largura; em geral na direcção Norte-Sul. Seria indispensavel uma planta deste sitio, para dar perfeita idéa dos innumeraveis porticos, camaras, corredores, e columnadas, que a curiosidade dos viajantes tem investigado, e cuja noticia se acha dispersa pelas relações que nos deixaram. Denon, o archeologo francez, fallando da porta principal do templo, que está na extremidade septentrional, e que dá serventia para a aldêa de Luxor, observa que nada ha tão magestoso, e ao mesmo passo tão simples como os poucos objectos que compõem esta entrada: nem ha cidade que se inculque por tão magnifico adito, como aquella rustica povoação d'arabes, que está como mergulhada na vastidão do edificio. Aqui estavam dois obeliscos, os mais perfeitos que existem, e de lavor mais singular e original, segundo a opinião de Hamilton e de outros: o mais pequeno destes é o que foi transportado para França; do qual démos noticia e estampa a pag. 202 do 1.º vol. A oito passos destes obeliscos *monolithos* [inteiriços] estão duas estatuas collossaes de granito preto, uma de cada lado; e posto que enterradas hoje no chão até os peitos, ainda medem mais de trinta palmos dalli até ao topo das mitras que lhes corôam as cabeças; de fórma que em tão limitado espaço aggregou a arte dos

egypcios monumentos enormes, cada um dos quaes de per si bastava para assombrar o espectador: o gosto daquelles povos os induzia a junctar n'um ponto objectos macissos e grandiosos, que a moderna civilização espalha para que melhor sobresáiam separados. É tambem para notar a falta de symetria na disposição destes monumentos; nem os obeliscos, nem as figuras gigantes estão alinhadas reciprocamente, como o não estão com o portico.

Finalmente, a grandeza das sumptuosas ruínas de Thebas é geralmente apregoada: o illustre antiquario, Champollion, diz que o nome de Thebas era antecipadamente grande na sua imaginação, mas fez-se um colosso quando atravessou os destroços daquella primogenita das cidades; e accrescenta, dirigindo-se ao seu correspondente, que por quatro dias tem vagueado de maravilha em maravilha, e que para o informar melhor, depois de vagaroso exame, lhe deixe assentar sua barraca no peristilo do palacio de Ramesses! — Belzoni, Richardson, Carne, todos fallam pelo mesmo theor. Abdallatif, medico arabe de Bagdad, que escreveu uma descripção do Egypto no decimo quarto seculo, e que teve sobre quantos citámos a vantagem de nascer alguns centos d'annos antes, tractando dos monumentos do mesmo paiz, assim se exprime. — “Um homem de bom juizo, contemplando taes restos da antiguidade, teria tentações de desculpar aquelle erro do vulgo, que supõe que os homens das eras remotas viviam mais que os dos nossos dias; que eram de estatura gigante, ou que pelo menos exercitavam dominio sobre as pedras, tocando-as com uma varinha de condão, e obrigando-as a transportarem-se por si e submissamente para onde as mandavam.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NO 1.^o E 2.^o MEZ DO VERÃO DE 1838, POR M. M. FRANZINI.

Vamos continuar a serie, que ha alguns mezes se interrompeu, das observações meteorologicas, communicadas pelo Sr. Franzini, cujo nome abona a sua exactidão. Da importancia de taes observações tractámos a pag. 91 e seg. do 1.^o vol.; e para este logar remettemos os leitores. Quando não fosse geralmente reconhecida a sua utilidade (tambem de summo aprego para os que se dão a semelhantes investigações em paizes estrangeiros) bastará o impulso da curiosidade para convidar a lê-las; maiormente quando são, como estas, acompanhadas de apontamentos agronomicos, e de synchronismos dos phenomenos notaveis, muitas vezes oppostos, acontecidos em diversas regiões, entre si distantes.

Junho de 1838.

Temperatura média das madrugadas 56^o [11^o R].
D.^a ás 2 horas da tarde 75½ [19½].
D.^a média de todo o mez 66 [15^o].
Variação média diurna 20 [9^o].
Maior variação diurna. 28 [12½] a 7 e 9.
Menor „ „ 13 [6^o] no 1.^o
Maior frio 52^o [9^o] a 28. — Maior calor 86^o [24^o] a 9.
Barometro. — Maior altura 762,8 [30,03 P] a 8.
Menor „ 755,4 [29,74] a 3.
Média „ 759,3 [29,89].

Estado da atmospherá. — Dias de chuvas brandas, ou chuviscos, 6, que foram a 1; 3 a 5; 11, e 17, em que caíram 9 m. [$\frac{1}{3}$ P]; ou pouco mais de 2½ almu-des por braça quadrada, o que corresponde á chuva média deste mez deduzida dos annos precedentes, sendo por consequencia bastante secco, segundo o costu-

me. — Foi porém frio relativamente aos anteriores, e extremamente ventoso nos ultimos 7 dias. Houveram 5 quadras bem distinctas, a saber, a 1.^a, que dominou nos primeiros 5 dias, foi de temperatura fresca, e humida, com chuvas brandas, e ventos de SO.; a 2.^a, de 6 a 10, se manifestou por calores intensos durante o dia, ceu claro, e ventos variaveis de SO. a N., soprando este ultimo com força no dia 6. — Seguiu-se a 3.^a quadra, de 11 a 17, com o ceu cuberto, atmospherá humida, e algum brando chuvisco, a qual foi substituida pela 4.^a, de 18 a 22, com o ceu claro, ar secco, calores durante o dia, e ventos variaveis, predominando o do N., que soprou com força de 21 a 23. — Por fim terminou com a 5.^a, que começou a 24, e continuou nos 10 dias immediatos do mez de Julho, ainda soprando constantemente ventos violentos do N., com o ceu claro, ar muito secco, e assaz frios os extremos do dia. — Deve notar-se que, no dia 28, houve em Lisboa uma tempestade do Norte, com o ceu extremamente claro, e ar frio, ao mesmo tempo que em Londres estava a manhaã mui chuvosa, com fortes aguaceiros, que incomodaram os innumeraveis espectadores, que presenciavam a magnifica festividade da coroação de Sua Magestade, a Rainha Victoria. — Durante este periodo foram vivissimos os frios que se experimentaram em Cintra, cuja serra esteve por muitas vezes encuberta em nevociros com alguns chuviscos, o que muito atrasou a vegetação daquelles amenos sitios. — Em S. Sebastião, na Biscaia, houve no mesmo dia 28 uma forte tempestade de NO. com chuvas copiosas.

Phenomenos notaveis. — A 9 deste mez pelas 4 horas da tarde, desfecha sobre os arredores da cidade de Lawenberg, na Silesia, uma violenta tempestade que inunda repentinamente seis povoações vizinhas. — A agua elevou-se em alguns sitios a 3½ pés de altura, causando incalculaveis damnos nas propriedades, e afogando grande numero de pessoas.

Julho de 1838.

Temperatura média das madrugadas 62^o [13^o R].
D.^a ás duas horas da tarde 83^o [23^o].
D.^a média do mez 72^o [18^o].
Maior variação diurna 28^o [13^o] a 19.
Menor „ „ 10^o [4½] no 1.^o
Maior fr. 56^o [11^o] a 2 e 3 — Maior cal. 98^o [29½] a 19 e 20.
Barometro. — Maior altura 762,8 [30,03 P] a 6.
Menor „ 755,0 [29,72] a 29.
Média „ 758,5 [29,87].

Estado da atmospherá e quadras dominantes. — Continuou a temperatura fria, com ventos mui rijos do Norte, até 9 deste mez, sendo assaz sensível o frio das madrugadas, o qual manteve o thermometro entre 56^o e 59^o, e nas horas quentes a 74^o. — Os ventos violentos desta quadra causaram notaveis prejuizos ás arvores de fructa. A 2.^a teve principio a 10, apparecendo repentinamente intensos calores, com a atmospherá vaporosa, e assim continuou 5 dias, augmentando a intensidade daquelles calores desde 16 até 21, em que foram excessivos, sendo a temperatura média das madrugadas de 70^o, e a do dia 95^o. — Estes calores abrazadores diminuíram alguma coisa a 22, e ainda que os dias que decorreram até ao fim do mez foram sempre quentes, comtudo desde 28 já as madrugadas appareceram frescas, baixando a temperatura 58^o a 61.

Nos ultimos 3 dias soprou com violencia o vento do Norte. Em todo o mez não appareceu chuva nem chuvisco, do que se infere que foi extremamente secco, ventoso, e mui desigual na sua temperatura, soffrendo-se variações diurnas de 28^o. — Foram 16 o

numero dos dias em que se experimentaram calores intensos. — A 21 achando-se o thermometro a 87° pela 1 hora da tarde, desceu repentinamente um forte nevoeiro que veio do mar, e fez baixar 20° a temperatura, continuando a apparecer a atmosphera cuberta nos dois dias immediatos, com vento mareiro. — Nos tres referidos dias houveram algumas trovoadas ao NE. de Leiria.

Phenomenos notaveis.—Nos 3 primeiros dias deste mez, houveram geadas na serra de Portalegre, produzindo notavel prejuizo nos montados e oliveas. Em Serpa não appareceram, e neste sitio toda a vegetação continua com boa apparencia. — Naquelles mesmos dias cahiu muita neve nas serras de Penhacerrada em Hespanha. A vinte sete houve um terrivel furacão em Constantinopola, precedido por excessivo calor. Os raios causaram grandes prejuizos nos edificios, e mataram algumas pessoas. — Seguiu-se chuva abundantissima, e tempestade de vento que produziu numerosos naufragios no Mar-Negro, e de Marmara, durando a tempestade 24 horas. — As ondas lançaram ás praias 150 cadaveres. — O sobredito dia foi em Lisboa extremamente bonançoso, claro, e muito quente.

A 10 foi o primeiro dia da appareição dos cardumes de sardinha na costa de Peniche, com abundancia de outros peixes, quando regularmente costumam apparecer estes cardumes sobre aquella costa nos fins de Maio, viajando sempre contra a corrente, ou na direcção do Sul para o Norte, com uua velocidade média de uma legua por dia. Infere-se desta observação, que alguma causa extraordinaria retardou o regular andamento daquellas correntes que prolongam as nossas praias durante o verão.

A vegetação dos cereaes, á excepção do milho, soffreu notavelmente pela intemperie da primavera, que se prolongou até nos principios de Julho, com ventos rijos e frios, de sorte que não promete a abundante colheita que se esperava.

As excessivas chuvas do inverno, e primavera, combinadas com aquelles phenomenos, diminuíram as esperanças do lavrador. Julga-se que em geral, a colheita dos cereaes e dos vinhos não excederá a dois terços do usual. As arvores de fructa tambem foram muito contrariadas no desinvolvimento da sua fructificação, pela irregularidade da temperatura e força dos ventos, exceptuada a oliveira, que indica fornecer uma abundante safra.

GROENLANDIA.

ESTE paiz, o mais polar da America, e o mais vizinho da Europa, com a qual une o Novo-mundo por mares ou terras desconhecidas, onde os gélos são perpetuos, e onde nunca se ouviu voz humana, é, na sua parte habitada, um dos mais curiosos que offerece á indagação dos viajantes a superficie do globo.

A Groenlandia é escalvada e horrida: está como petrificada pelo géllo. Nada ha mais magestoso, e ao mesmo passo terrivel, que o aspecto daquellas móles congeladas, que tomam fórmias desvairadas, e que, muitas vezes, parecem broncos edificios. Aqui semelham uma egreja, com seu campanario gothico: alli um castello, com suas atalaias: ora affigura-se um navio vellejando neste mar immovel: logo veem-se mil appareções phantasticas, que deram motivo, provavelmente, á poesia dos Sagas, nascida nos gélos da Islandia. Quando chega a primavera, estes montes de géllo, abalados pelo vento, desunem-se, topam uns nos outros, tornam a apegar-se, de modo que por entre elles só ficam algumas sendas perigosas. Sobre os

rochedos engrossam por tal modo os gélos, que os tornam invisiveis. Estes gélos, a que podemos chamar terrestres, são azues, e cheios de fendas e cavidades: parecem de especie mais solida que os fluctuantes, e, como estes, tomam muitas figuras graciosas e desvairadas. Parece que nelles ha arvores galhosas e cubertas de geáda, peristylos, arcos de triumpho, palacios com primorosas frontarias, illuminado tudo isto com as sete côres do prisma pela luz do sol, que reflecte nas laminas angulares do géllo. Estas montanhas congeladas são indestructiveis: o que se derrete de dia torna a gelar de noite; ás vezes, porém, o calor as desune, e faz mudar de sitio. Tambem acontece, que o ar, que fica entre a neve, se dilata, fazendo-as estourar, e saindo della com o ruido de um volcão.

Falto de madeiras, porque naquella região não ha arvores, o groenlandez se aproveita dos troncos que vem boiando pelo mar, e que o rolo atira á praia. São alemos, salgueiros, abetos, e outras arvores, que ainda se não sabe d'onde vem, nem que correntes as trazem a estas paragens.

O maior frio da Groenlandia é em Janeiro: o mar se converte em uma planicie de géllo, e alguns annos morrem muitos groenlandezes por não poderem ir á pesca. O verão é desde Junho até o fim de Setembro. Neste intervallo nunca ha noite. Posto que o sol se não veja durante tres horas, todos os dias, o crepusculo da tarde ainda bem não acaba, já começa o da manhã. Pelo contrario, de inverno só o fulgor da neve dá alguma claridade nas trevas de noite continua.

Esta região tem a sua historia fabulosa. Foi, segundo se conta, visitada a primeira vez, em 982, por um fidalgo noruego, que da Islandia partira, achando-se desterrado nesta ilha. O tal noruego lhe poz o nome de Groenlandia, ou *terra verde*. No tempo de elrei Olau de Noruega, fundaram-se alli colonias. Até 1368 ficaram estas sujeitas á mãe patria; mas, nesta epocha, uma epidemia, a que chamavam morte negra, as destruiu inteiramente. Desde então abandonaram os europeus a Groenlandia até 1728, em que ahi desembarcou Egeda, parochio de Vogen, e começou a trabalhar em converter os groenlandezes. Tendo feito assento em uma ilha, construiu algumas habitações, e alli se conservou para tractar, não de commercios, mas de salvar algumas almas. Em 1733 ajuntaram-se com elle muitos irmão moravos, de modo que subiu o numero dos colonos a 5000, formando então uma povoação, a que pozeram nome de New-Herrnhutt. Esta colonia, porém, levou o fim das outras, tanto por causa da aspereza do clima, como pela insociabilidade dos naturaes do paiz.

Estes indigenas são baixos: teem a cara larga e chata, as faces cheias e redondas, as maçaãs do rosto elevadas, os olhos mal rasgados e pretos, mas sem viveza, nariz achatado, boca pequena, e o beijo de baixo mais grosso que o de cima. A sua tez é, no geral, azeitonada; os cabellos pretos, bastos e compridos. Usam da barba cortada, e teem as mãos carnudas, e os hombros largos, principalmente as mulheres. É esta raça valente, robusta, affeita ao trabalho, e capaz de alevantar pesos, que apenas dois europeus ergueriam do chão. São mais escarnecedores que joviaes: contentes com a sua sorte, para elles o summo bem é uma pesca abundante. Pela manhã o groenlandez sobe a qualquer teso, para d'alli observar o tempo que fará: desce contente, se o tempo está sereno; triste, se ha nevoa. Quando volta da pesca, á tarde, se teve bom lanço é mui conversavel e fallador. Sustenta-se este povo com a carne de phocas, salmões, e azevias. A principal comida dos groenlandezes é a da tarde, quando voltam da

pesca; e para ella convidam os visinhos, ou mandam a estes uma porção de pescado. Teem abundancia de vestuario, feito de toda a casta de pelles; mas ordinariamente de pelle de phoca, cujo lado mais aspero fica para fóra: os calções e polainas são da mesma pelle; e os çapatos de couro preto, e macio, atacados ao peito do pé com correias. Os groenlandezes, que teem enriquecido com o commercio, usam já de capotes, calças de panno, e meias de laã.

Trazem os homens o cabello curto; mas as mulheres atam-o no alto da cabeça, adornando-o com velorios. O primor da galantaria é trazerem o rosto como bordado com linhas pretas, que passam entre a pelle e a carne com uma agulha.

Os groenlandezes moram de verão em tendas, e em casas fixas de inverno. Estas casas que teem obra de seis a sete palmos de altura, são do comprimento de duas a quatro braças. Edificam-nas, commummente, em sitios altos, principalmente em rochedos. Uma destas habitações aloja ás vezes muitas familias, cada uma das quaes tem sua lareira onde arde uma especie particular de pedra mui molle, com uma torcida de musgo fino, ou de amianto, e sobre a qual está pendurada a caldeira em que cozem a comida. Nestas cabanas vivem os groenlandezes contentes de sua pobreza, e exemptos das nossas principaes necessidades. Além da casa, cada familia tem uma tenda, que póde abrigar vinte pessoas. Para um estrangeiro a tenda é mais arejada, e por isso mais habitavel, do que as cabanas, sempre affumadas e fetidas.

Eram antigamente as armas dos groenlandezes arcos e frechas: hoje servem-se das espingardas. As suas canoas, mui bem construidas, são forradas de couro erú, bem amollecido, e com a gordura, que se faz rãgosa, lhes calafetam as costuras. Os pequenos bateis, a que chamam *kaiaks*, teem de comprimento, quando muito, 18 pés, e 18 pollegadas de fundo. É nesta fragil embarcação que o groenlandez, com o seu trajo de pesca, se affronta com tempestades, em que um navio teria medo de soçobrar. Dirige-a tão rapidamente com uma espadella que póde andar 24 leguas por dia. N'esta espadella está a salvação do groenlandez: em quanto lhe não foge das mãos, nenhuma vaga lhe mette medo: atravessa-a como um peixe, e vem ao de cima em ella passando. Não ha europeu que ousasse metter-se em um *kaiak*, ainda que o mar estivesse de leite; e o groenlandez sac nelle ao largo, andando o mar de levadia, ou até em temporaes desfeitos. Verdade é que a vida desta gente se passa quasi toda sobre as ondas. Apenas adultos vão logo á terrivel pesca das phocas. Quando o pescador descobre algum d'estes amphibios, vae-se chegando a elle até a distancia de quatro ou cinco braças, e fisga-o uma, duas, e tres vezes, até o matar. Então as mulheres alam o monstro para terra.

São desvairadissimos os costumes dos groenlandezes. Entre elles agenceam-se os cazamentos por intervenção das mulheres velhas; depois, se a rapariga resiste, dados os primeiros passos, emprega-se uma especie de violencia, e, até, a pancada. Logo, porém, que se caza, ella esquece-se de tudo, e é, por via de regra, boa esposa. Distinguem-se as mulheres da Groenlandia pelo amor que teem aos filhos. Levam os consigo para toda a parte, e dão-lhes a primeira educação. Quando um rapaz chega aos dez annos, entregam-lhe um *kaiak*, e elle se entretém em caçar e pescar ao longo da praia. A sua primeira pesca de uma phoca é uma função para a familia, a que pertence. Se passa dos dez annos, sem mostrar habilidade, é despresado por todos, e passa a andar na pesca pertencente ás mulheres, isto é, na dos mariscos.

Faz-se todo o commercio da Groenlandia em uma grande feira, a que vem todas as tribus, e os europeus que com ellas mercadejam. Alli os groenlandezes appresentam as suas mercadorias, e escolhem os objectos, que querem em troca dellas. Os indigenas que ficam ao sul não teem baleias, e os do norte não teem madeiras. Barcas groenlandezas, em que vae uma familia toda, fazem viagens de 300 e 400 leguas, para irem vender á bahia de Disco dentes de peixe, e barbas, costellas, e ossos da cauda de baleia. Assim passam, muitas vezes, annos inteiros, longe do logar ordinario da sua residencia. O commercio importante entre os indigenas e os estrangeiros, consiste em pelles de raposa, e de phocas, e em azeite de peixe. Recebem hoje os groenlandezes pagamentos, não só em dinheiro; mas até em papel moeda.

Celebram os naturaes da Groenlandia algumas festividades, como, por exemplo, a do sol no solsticio do inverno. Consistem estas solemnidades em banquetes durante os quaes devoram grande porção de viveres, e depois dançam ao som de um tambor. O menestrel o acompanha ás vezes com uma canção sobre a pesca das phocas. Apoz a dança, brigam uns com outros se teem alguma rixa velha, e acaba tudo com varias cantigas. Parece não haver entre elles leis, que mereçam tal nome: os usos e costumes fazem as vezes dellas.

A sua linguagem se aproxima á dos esquimáus. O escrever era, ainda ha pouco, para elles uma especie de magica. De medicina apenas sabem concertar, bem ou mal, as fracturas. Quando um homem morre, atiram fóra tudo o que lhe pertencia, tendo por agouro o guarda-lo. O cadaver cozem-o no mais rico vestuario de pelles que tinha o defuncto: soterram-o; e poem-lhe ao pé da sepultura o seu *kaiak*, frechas, e ferramentas; e se é mulher a faca e as agulhas. Depois voltam a casa, e lá no meio dos convidados, que estão todos calados e de cócaras, o parente mais proximo do defuncto pronuncia a oração funebre, interrompido de vez em quando pelos gemidos dos circumstantes.

DOIS COSTUMES CURIOSOS DOS LENGUAS.

Os LENGUAS são uma tribu selvagem das muitas que estanceiam nos descampados de Chaco, visinhos do rio Parana, entre as cidades de Assumpção e Santa Fé, na provincia americana de La-Plata. Andam meios nus, com um poncho [*] ás costas, e um trapo pendente da cintura á maneira de tanga. Usam trazer nas orelhas, atravessado pela carne, um desmesurado pedaço de páu, o qual, além disso, deve ser extremamente pesado; porque de tal modo lhas estira, que lhes chegam aos hombros. Teem, tambem, uma especie de gamela, á semelhança de um barbote de antigo cavalleiro, feita de uma folha semicircular de madeira, a qual trazem introduzida, pelo corté do diametro, no beigo inferior, com que ficam horrendissimos, parecendo terem duas bocas. Anda hoje esta tribu mui cortada do ferro, e diminuta de gente; mas em outro tempo eram temiveis, por serem mui guerreiros, duros nos trabalhos, e ferocissimos nos costumes. São ainda hoje, esses poucos que restam, presumidos, vingativos, e indomaveis, vivendo só de caçar, e de roubar. Teem dois costumes extraordinarios: é o primeiro que, encontrando-se dois Lenguas um com outro, devem forçosamente lagrimejar um pedaço; porque fallarem sem

(*) Veja-se o que é o poncho no artigo — Pampas — a pag. 107 de 1.º volume.

tal cumprimento fora grosseria imperdoavel: este costume tambem é vulgar em outras tribus que com esta visinham. O segundo costume, que é especial e unicamente usado entre os Lenguas, é que, em morrendo qualquer membro da tribu, todos os outros mudam de nome; e disso dão cabal razão, dizendo, que é para fazerem andar a morte com a cabeça á roda; porque, segundo affirmam, ella tem uma lista de todos os vivos, quando quer levar algum, busca-o pelo nome; e como todos o mudaram, vê-se a morte parva para atinar com aquelle que quer prear.

Os ASYLOS.

HAVIA na idade media o costume, herdado ja de gregos e romanos, de considerar como logares inviolaveis alguns, a que davam por esse motivo a denominação de asylos: estes eram a principio as egrejas. A idea de conferir esta prerogativa aos templos attribue-se geralmente ao papa Bonifacio 5.^o, no principio do setimo seculo; mas, quasi duzentos annos antes, certos edificios, consagrados á nova religião, consta terem sido estabelecidos como asylos pelo imperador Honorio. Os asylos, assim creados casualmente, cresceram por toda a christandade. Na maior parte dos paizes, não sómente as egrejas e suas pertenças, mas até as moradas dos bispos chegaram a ser respeitadas como sanctuarios inviolaveis. Em todos estes logares os mais atrozes malfeteiros podiam desafiar as auctoridades civis. Todavia, é certo, que ao passo que por este modo muitos criminosos escapavam á justiça, tambem ás vezes ahí achavam salvação alguns innocentes, que nenhum outro abrigo podiam encontrar nestes tempos, em que leis barbaras e corruptas não alcançavam protege-los contra odios e oppressões de poderosos. Esta instituição era uma das muitas que então havia, tendentes a collocar o poder moderador da sociedade nas mãos do clero, que certamente era a classe em cujas mãos elle podia estar com menor risco de se introduzirem abusos. Quando, porém, as nações começaram a constituir-se melhor, e as leis a tomar mais vigor com o progresso da civilização, as prerogativas, que a igreja tivera para combater denodadamente contra a tyrannia, não só se tornaram inuteis, mas tambem damnosas. Sustentou a igreja larga e aspera contenda em defensão da sua antiga supremacia. Á vista desta opposição, e da de habitos inveterados, e da superstição popular, que os defendia, foi só com muita cautella que pouco a pouco se tentou extirpar o mal; e por muito tempo a extensão legal dos privilegios do sanctuario parece ter dado logar a violentas disputas entre a igreja e o poder civil.

Em Portugal, alem dos paços reaes e egrejas [que eram asylos em um limitado numero de casos, porque não valiam aos criminosos quando o seu crime não tinha pena de sangue, ou quando, pelo contrario, esse crime era atroz] havia tambem os coutos, onde, pelo foral da terra, ou por privilegio posterior ao foral, os culpados não podiam ser presos, senão em certos casos exceptuados na lei. Nem todos estes asylos tinham privilegios eguaes: o de Alcobaça, por exemplo, valia para todos os crimes, excepto para os gravissimos, como traição, heresia, morte de proposito &c.—: e o de Arraiolos era o nosso Holy-rood, porque valia aos que eram perseguidos por dividas. Estes coutos, que serviam de asylos, eram principalmente nos logares que estavam assentados pela raia d'Hespanha: taes eram os de Noudar, Marvão, Pena-garcia, Sabugal, Freixo d'Espadacincta, Miranda, Caminha &c.

Muitos destes coutos foram successivamente abolidos em diversas epochas da monarchia, até que em 1696 foram todos anniquilados por lei geral [Ord. L. 1.^o tit. 7]: mas os paços reaes e as egrejas ficaram sempre respeitadas como asylos, ainda que não sabemos se legalmente: é todavia certo que ainda em nossos dias o largo fronteiro ao paço de Caxias era uma especie de asylo; porque os mancebos, perseguidos para serem soldados, que chegavam na sua fuga a salvar-se dentro do espaço fechado pelos frades de pedra, que rodeam aquelle terreiro, não podiam ser alli presos pelos que os seguiam.

Em Inglaterra, porém, resta ainda um asylo legal. Em 1697 [no anno immediato á extincção dos asylos em Portugal] foram extinctas naquelle paiz essas colheitas de criminosos: mas o palacio de Holy-rood, e suas pertenças e immedições, ainda hoje gozam a immunição de ninguem ser lá preso por dividas. O espaço immune é bastante extenso, e chama-se-lhe a *Tapada d'Elrei*. Em uma pequena rua que ahí ha, acham casas para morar os devedores e caloteiros; e a parte privilegiada da rua é dividida do resto por um regato, que atravez della corre.— A conservação deste abuso é tanto mais notavel, por serem estes asylos, pela maior parte, não propriedade do rei, mas de particulares.

D. CARLOS E PHILIPPE 2.^o

(Fragmento da *Historia d'Hespanha*.)

1567

I

MIGUEL Van-der-Hart, recolhido em um convento da sua ordem em Madrid, residia nelle havia algum tempo, quando saíndo certo dia do mez de Fevereiro de 1567 encontrou em uma travessa um monge de Juste, seu antigo conhecido.— O religioso, que era capellão de Philippe 2.^o, se chegou a elle: — “Oh lé, Fr. Miguel — lhe disse o frade — tomastes por patrono o seraphico? — A escolha podia ser peor. Mas, irmão carissimo, tornaes a Hespanha, em uma epocha de grande lucto.”

“Maior lucto vae por Flandres — respondeu o franciscano” — e contou-lhe tudo o que sabia dos movimentos que começavam a haver por lá contra o dominio ferreo dos castelhanos.

“Isso é horrendissimo! — replicou o monge hespanhol — Ajunctarem o sacrilegio á rebellião! Cá, pelo menos, respeita-se a fé, e o povo não faz arruidos: a causa unica da magoa universal é a enfermidade do infante.”

“Pois sempre é verdade estar elle doudo?” — perguntou Fr. Miguel em voz baixa.

“Furioso:” — retrucou o monge. — As provas disso são aos centos. Attravessando certa noite as ruas de Madrid, vazaram desattentadamente uma pouca de agua de uma gelosia, e molharam-no: — o infante deu logo ordem aos fidalgos, que iam com elle, que fossem deitar fogo á casa, e acabassem com seus moradores.”

“E fizeram o que elle mandou?”

“Nada. Disseram-lhe que naquella casa havia um doente que se estava sacramentando. — Mas ha poucos dias que quiz matar o marquez de Spinola, que tinha desterrado o comico Cisneros, a quem o principe desejava ver representar.”

“E matou-o?”

“Nada. Spinola deu desculpa, e D. Carlos accomodou-se. Mas, d'outra vez, trazendo-lhe o sapateiro um par de borzeguins apertados, mandou-os fazer em tiras, as quaes fez engulir ao pobre sapateiro.”

“E elle morreu disso?”

“Nada; antes está de saúde perfeita; e até disse a um dos nossos padres que a tal historia era um conto da carochinha. Mas então, o que é corrente é, que chamando, ha dias, a D. Affonso de Cordova, fidalgo que estava de serviço, e não lhe tendo este apparecido ás carreiras, o principe atirou-se a elle, e erguendo-o pela cinctura, quiz baldear com elle de uma janella abaixo.”

“E baldeou-o?”

“Nada: os circumstantes tiveram mão nelle.”

“Todos esses casos, reverendissimo, são fabulas do povo. Já vejo que D. Carlos tem inimigos, e não sei se diga que seu pae se deve pôr na cabeceira do rol.”

Estas ultimas palavras, disse-as o frade em voz mui sumida.

“E se acaso o pae fosse seu inimigo — replicou o monge — tinha para isso razão de mais. Sabei, Fr. Miguel, que no aposento de D. Carlos se achou um livro volumoso, em cujo rosto elle tinha escripto — *Grandes e descommunes viagens delrei D. Philippe*. Ora este gracejo é um desacato; porque é escarnecer de seu pae, que nunca viajou senão de Madrid para o Escorial, e do Escorial para Madrid. E por isso no tal calhamaço não havia mais escriptura que as dictas palavras, e todo o resto estava em branco.”

“Isso — disse Fr. Miguel — é uma rapaziada: mas, pelo que vejo, o pobre infante está cercado de espias?”

“Que remedio? Elle defende, sem tir-te nem guar-te, os levantados de Flandres; e declarou ja que em sendo rei ha-de dar cabo da sancta inquisição. —

“Deitou-se a perder!...”

Dictas estas palavras, Fr. Miguel se despediu com aspecto triste e carregado, e foi orar por D. Carlos. Durante uns poucos de mezes deu quantas voltas pôde para fallar ao principe; mas nunca lhe foi possível sair com seu intento; porque D. Carlos era guardado como preso de estado, e só tinha liberdade no interior do seu quarto. E alli não deixava elle entrar senão pessoas da sua confiança.

Certo dia de Setembro de 1567 um desconhecido veio ao convento de Fr. Miguel procura-lo. Este desconhecido era um francez, o architecto do Escorial, o celebre Luiz de Foix, a quem tambem se deve a famosa torre de Cordouan. Tinha conhecido Fr. Miguel no retiro de Carlos 5.^o, porque o imperador gostava deste architecto, que tambem era habilissimo engenheiro. Depois dos primeiros cumprimentos, em que o francez e Fr. Miguel renovaram memorias passadas, Luiz de Foix disse ao reverendo, que elle viera visita-lo só para lhe mostrar que não se esquecia dos amigos velhos: a isto replicou Fr. Miguel que desta visita queria tirar ainda outro proveito: “Vós, continuou o frade, tendes entrada com o infante: podereis acaso, dizer-me se tudo o que se conta do seu genio violento é verdade?”

“Tudo é mentira ou exaggeração: respondeu Luiz de Foix. Todavia o coração do principe soffreu tantas maguas, que a sua razão andou mui torvada. Padece alguns daquelles symptomas de terror, que costumavam inquietar seu avô Carlos 5.^o; e, no aballo que teve, motivos sufficientes ha para esse terror. O principe amava entranhavelmente Isabel de França. Pediram-na para casar com elle, e para isso a conduziram a Hespanha. Dizia-se ao infante que iam casa-lo com aquella princesa; e nunca tantas mostras de intimo contentamento transverberaram nas faces do mancebo. Não cabia em si de satisfação: ria e folgava com todos; e estava sempre a contar os dias, horas e minutos que tinham de passar até a celebração do casamento. Quando D. Isabel atravessou a fronteira, o principe pediu licença para ir sair-lhe ao

encontro; mas Philippe 2.^o não consentiu nisso. Ordenou ao filho, que ficasse em Madrid; e elle proprio foi esperar, cinco leguas fóra de Madrid, a princesa, cuja formosura, e gentileza todos gabavam. Pareceu sobresaltar-se quando a viu: á volta tomou por outra estrada, conduziu a noiva de seu filho ao Escorial, e casou com ella nessa mesma noite, apesar do quebrantamento e pallidez de D. Isabel, que pedia a deixassem repousar alguns dias. Depois disto, mandou pelo conde de Lerma avisar seu filho de que, d’alli em diante, devia ter a sua noiva por madrasta. Esta noticia foi para o principe como um risco que lhe houvesse caído ao pé. Amaldiçoou o pae, e blasphemou do seu nome: o conde de Lerma foi relatar a Philippe aquellas palavras imprudentes. Desde então a antipathia e a desconfiança se levantaram entre Philippe e Carlos. Philippe odia o infante como odiava Carlos 5.^o; e o infante teme o pae, como Carlos 5.^o temia o filho. Affastaram da côrte o moço principe; mas o seu amor o acompanhou, e tanto mais violento, depois que soube que a rainha tambem o amava, e que não era menos desditosa do que elle. Parece, por outra parte, que Deus amaldiçoou o casamento delrei; porque não produziu fructo algum.”

“Misero e mesquinho principe!” — disse Fr. Miguel, suspirando.

“Como viram que elle não tornava ao seu juizo inteiro, e que ia sempre alimentando um criminoso amor, temeram-se de o deixarem estar em Hespanha, onde o acaso podia fazer com que muitas vezes encontrasse a mulher que amava, e de que se devia esquecer: cuidaram no modo porque o affastariam para bem longe. Margarida de Parma, que governava em Flandres, mostrava-se frouxa. Fallou-se em o mandarem para aquelle paiz substituir sua tia. Pensavam que com os cuidados do governo se distrahiria; e tambem para lhe torcer os affectos para outra parte, lembraram-se de o cazar com sua prima D. Anna d’Austria, princeza moça e formosa, cujo retrato lhe apresentaram. Pareceu que não lhe desagradara: tiraram disso bom agouro, ainda que talvez elle não tivesse ahi visto senão um termo de comparação inferior á senhora dos seus pensamentos. Fallaram-lhe em cazar-se; mas D. Carlos nada respondeu a essa proposta. Quando, porém, lhe offereceram o governo de Flandres, acceitou-o com tanta ancia, que seu pae, em vez de ficar contente, começou a recear-se delle. Espagou o negocio, segundo o seu costume, e hesitou tanto tempo ácerca delle, que se tornou impossivel leva-lo a cabo. Eu, por mim, assento que se ha dois annos tivessem mandado D. Carlos para os Paizes Baixos, estes se teriam accommodado; porque elle é generoso, e ter-se-ia feito popular. Hoje, Fr. Miguel, tão graves são os alvoroços na vossa patria, que elrei se resolveu a reprimi-los com grande rigor. Para lá mandou o duque d’Alva, que, de todos os capitães hespanhoes, é o mais eru e intractavel. Com esta nomeação se irritou grandemente o principe; e ha tempos que procura fugir de Hespanha, para ir capitanear os de Flandres, que não desejam outra cousa.”

“Mas com a sua natural singeleza, assentou que podia revelar aos que se lhe mostravam amigos as tenções, que tinha: declarou tudo a seu tio D. João d’Austria e a outros, que o foram contar a Philippe 2.^o O barão de Montigny, que trabalhara por mover-lhe o animo a compadecer-se dos flamengos, foi accusado de ser seu cumplice no projecto da fuga, e por isso lhe cortaram a cabeça. Quando o duque de Alva se foi despedir de D. Carlos, antes de partir para Flandres, o principe lhe disse: — Duque, vós

leães de mim a melhor: ides aggravar mais os males das provincias cujo governo me foi promettido; mas primeiro morrereis ás minhas mãos.— Dizendo isto, lançou-se a elle com um punhal erguido. O duque pôde esquivar-se ao golpe; e desde essa epocha é o infante guardado com mais cautella. Já por dez vezes tem tentado fugir; mas pozeram-lhe, por guarda ou carcereiro, um homem, que logo acha ao pé de si quando tenta evadir-se. É, por certo, para se desappressar deste individuo, que elle me pediu lhe fizesse um livro tão pesado, que atirado á cabeça de qualquer pessoa, a possa matar. Havia lido nas chronicas d' Hespanha, que, n'outro tempo, certo bispo, que estava captivo, tinha mandado cubrir de couro um tijolo do tamanho do seu breviario, e que d'elle se servira para matar o carcereiro, e pôr-se em salvo.”

“E deveis fazer-lhe o que vos pede:”— disse Fr. Miguel. “Ah— que se elle podesse fugir, e apparecer em Flandres, a quantas desaventuras poria termo! . . .”

Esta conversação durou ainda por algum tempo; e depois della o architecto saiu.

(Concluir-se-ha).

O BOLOR.

JULGAVA-SE antigamente, e ainda hoje o commum das pessoas julga, que o bolor é uma producção informe e fortuita da podridão: entretanto esta idéa é falsissima; e a historia natural nos ensina que o bolor é uma especie de planta, como qualquer outra. Com effeito o bolor, que vemos na madeira, na roupa, nos fructos guardados &c., entra na grande escalla dos entes organicos, e appresenta, visto ao microscopio, os caracteres mais essenciaes da natureza vegetal.

O bolor consiste em uma multidão de pequenissimas plantas, com raizes, troncos, flôres, e sementes. Nascem, crescem e fructificam em todas as substancias que começam a corromper-se, ou que conservam uma certa humidade, de que ellas gostam, assim como da sombra. A sua vida é curta, e, no estio, para chegarem a seu perfeito crescimento, e propagar a especie bastam-lhes algumas horas. Ao principio são brancas como laã ou algodão, com que, pelos seus filamentos, se parecem; amarellecem pouco a pouco, e ennegrecem por fim: esta côr indica a sua maturidade. Umás são simples, outras galhosas. No topo do tronco, ou dos galhos tem uma cabecinha, ora redonda, ou oval; ora como ametade de uma bola, á maneira dos cogumellos. Parece, até, que o bolor é uma casta dessa planta, com a differença do tamanho, e de ter o pé muito comprido. As cabecinhas são uma especie de casulos ou bocetas, cheias de innumeravel multidão de grãosinhos pretos, os quaes são a semente da planta. Tanto que se humedecem estes casulos, abrem-se, e deixam voar o pó fecundante. Nem se pôde duvidar de que este pó seja uma verdadeira semente, visto que, se se espalha certa porção d'elle sobre um bocado de pão molhado, ou sobre uma casca de melão, estes corpos se cobrem muito mais de bolor, do que lhes succederia se não se fizesse esta especie de sementeira.

Nada, aparentemente, ha mais delicado do que o bolor: um leve toque o offende; para elle um halito é um temporal. Quanto, pois, não é digno de admiração que os seus grãosinhos soffram o calor de um brazeiro acceso, sem perderem a faculdade de germinar, e até sem se alterarem as suas fórmulas ou dimensões! Estas sementes minutissimas são, por is-

so, susceptiveis de longuissima conservação; por ventura, de muitos seculos. Não nos devemos, por tanto, admirar que estas pequenas plantas multipliquem por toda a parte tão desmesuradamente.

IMPACIENCIA DOS PORTUGUEZES.

QUEM entra a introduzir uma lei nova não pôde tirar de repente os abusos da velha. Ha-de permittir com dissimulação, para tirar com suavidade: ha-de deixar crescer o trigo com sizania, para arrancar a sizania, quando não faça mal ás raizes do trigo. Todo o zelo é mal soffrido; mas o zelo portuguez mais impaciente que todos. A qualquer reliquia dos males passados, a qualquer sombra das desigualdades antigas, já tomamos o ceu com as mãos, porque não está tudo mudado; não está emmendado tudo. Assim se muda um reino? Assim se emmenda uma monarchia? Tantos entendimentos assim se endireitam? Tantas vontades, tão differentes, assim se temperam? . . . Pouco e pouco se fazem as cousas grandes; e não ha melhor arbitrio para as concluir com brevidade que não as querer acabar de repente.— *Vieira. Serm.*

Pulsações.— Magendie deu uma escala do pulso, pela qual se mostra que a differença na sua frequencia, entre o de um recém-nascido e o de um ancião, é de mais do dobro. A escala vem a ser a seguinte:

No recém-nascido as pulsações por minuto são	de 130 a 146
Na creança de um anno	de 120 a 130
Nas de dois annos	de 102 a 110
Nas de tres	de 90 a 100
Nas de sete	de 75 a 90
Nas de quatorze	de 80 a 85
Nos adultos	de 75 a 80
Nos de idade grave	de 65 a 75
Nos velhos	de 60 a 66

REGRAS DO MUNDO.

Gabae-me — e ouvir-vos-hei:
Folgarei comvosco — dae-me:
Requereis — importunaes-me;
Aborrecereis, sabei:
Tende honra — acanhar-vos-hei:
Sede pouco — valereis:
Peitae — tudo alcançareis:
Lisongee — louvar-vos-hei.

Jorge Ferreira. Carta.

Em consequencia do annuncio inserto em o N.º 33 deste jornal, principiará a recepção da 6.ª prestação das Acções desta Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis, no Escriptorio da mesma, Rua Nova do Carmo N.º 39 D, desde 5 até 20 do corrente Fevereiro, em todos os dias não-sanctificados, das dez da manhã ás duas horas da tarde, e das cinco desta até as oito da noite.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISEOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.